

Pulsão de morte: o estranho na metapsicologia freudiana

Érico Bruno Viana Campos

E-mail: ericobvcampos@uol.com.br

Resumo: O texto elabora a hipótese da pulsão de morte como o estranho na metapsicologia freudiana. Propõe discutir os limites além e aquém da teoria da representação, tomando-os com base nos dois grandes caminhos abertos por Freud a partir da virada dos anos 20. São trabalhados os destinos da teoria da pulsão de morte, por sua conotação biológica, irrepresentável e agressiva. As interpenetrações desses níveis são discutidas, traçando as linhas de projeção do movimento do pensamento freudiano em sua retomada pelas tradições pós-freudianas. Conclui que algumas teses de Laplanche permitem avançar na elaboração metapsicológica do impacto da pulsão de morte no edifício da metapsicologia freudiana.

Palavras-chave: psicanálise; metapsicologia; pulsão de morte; estranho.

Abstract: This paper discusses the hypothesis of death instinct as the “uncanny” in Freud’s metapsychology. It deals with the boundaries over and under the instinctual representative theory, taking the two paths opened by Freud after the 1920’s shift on psychoanalysis as a starting point. The vicissitudes of death instinct theory are examined, discussing its biological, unrepresentative and destructive features. The interaction among these levels is discussed, tracing the projection lines of Freud’s thought movement and its interpretation by the post-freudian traditions. It concludes that some of Laplanche’s theses are able to advance in the theoretical elaboration of death instinct impact on the structure of Freud’s metapsychology.

Key-words: psychoanalysis; metapsychology; death instinct; uncanny.

Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima “compulsão à repetição” é percebido como estranho. (Freud 1919, p. 298)

Heimlich e umheimlich

Quando Freud escreve “O estranho”, está preocupado com o estranhamento produzido pela experiência estética e com as derivações que isso traz para a dinâmica do aparelho psíquico. Como sabemos, a conclusão é que o estranho nada mais é do que o retorno do recaiado, daí sua singular característica de ser uma experiência simultânea de alteridade e de familiaridade, como mostra o jogo dos significantes.

O estranho não constitui uma alteridade externa, mas aquela, íntima, que se desdobra e eclode na própria trama de representações do aparelho psíquico. A questão que se coloca, entretanto, é sobre a natureza dessa irrupção. Tudo leva a crer que é no campo do retorno do recaiado inconsciente que se dê a discussão, embora a citação acima destoe do restante da argumentação, causando um efeito de estranheza no leitor. Pois bem, eis que a hipótese da compulsão à repetição emerge como estranheza dentro da própria trama de argumentos de “O estranho”... Qual o sentido dessa interpolação? Do ponto de vista daquilo que é posto explicitamente, temos uma informação importante: esse texto é posterior ou simultâneo, a “Além do princípio de prazer” (Freud 1920).

Contudo, podemos tomar o próprio texto freudiano com base no método psicanalítico, evidenciando os deslocamentos, recalques e retornos do recaiado presentes em sua trama; em suma, as idiossincrasias que configuram o campo de sentidos da obra. Esse recurso nada mais é do que aquele preconizado por Laplanche (1988a) em sua exegese da obra freudiana e que também pode ser encontrado, *grosso modo*, na proposta da desconstrução. Miller (1995) mostra como a produção de conceitos em Freud é marcada pela idéia do “não só, mas em vez disso”. Essa interpretação é calcada na idéia de que há um vínculo intrínseco entre obra e

intérprete, em uma relação parasita entre hóspede e hospedeiro. Curiosamente, é o vínculo entre hóspede e hospedeiro que podemos reconhecer no efeito de estranheza na experiência estética descrito por Freud. Ou seja, poderíamos afirmar que a concepção de estranho em Freud, quando transposta para a leitura e interpretação de textos, aproxima-se de alguns expedientes hermenêuticos.

Embora essas articulações evidenciem um pouco onde se apóia a leitura da obra freudiana aqui proposta, não é exatamente esse o caminho de discussão que quero seguir. Pretendo desenvolver a seguinte hipótese: *a pulsão de morte é o estranho na metapsicologia freudiana*. Quero dizer com isso que a introdução da pulsão de morte produziu um efeito de estranhamento no edifício metapsicológico, marcando a assim chamada “virada” dos anos 20 como uma reviravolta ou, se preferirmos, um retorno do recalcado. Nesse sentido, é indicativo que Freud tenha se ocupado do estranho simultaneamente ao problema da pulsão de morte; sendo assim, podemos propor que “O estranho” *não só* se ocupe da experiência estética e do retorno do recalcado, *mas, em vez disso*, da tentativa de elaboração do impacto traumático da pulsão de morte nos alicerces da metapsicologia.

Continuidade ou ruptura?

Essa pergunta é o fio da meada da hipótese de Monzani (1989) sobre o movimento do pensamento freudiano. A resposta é: nem continuidade nem ruptura, mas um processo de retomada e elaboração constantes que delineia um movimento espiral e pendular nos desdobramentos da metapsicologia. Da mesma forma, Mezan (2001) insiste na idéia de que a “virada” seja entendida como um movimento reflexivo de retomada e rearticulação da trama conceitual freudiana, caracterizando mais propriamente uma reviravolta no pensamento de Freud. Vejamos como isso se dá na reviravolta do pensamento freudiano, que tem como marco de inflexão o texto “Além do princípio de prazer”.

Dentre os elementos precursores da “virada” dos anos 20, dois são essenciais: o problema da identificação na gênese do ego e o da tendência de descarga absoluta das pulsões. Os aspectos básicos desses dois problemas estão colocados desde o início das investigações freudianas e pode-se afirmar que são eixos centrais da problemática teórica da psicanálise, tal como foi configurada inicialmente por Freud. Porém, no que diz respeito ao processo de elaboração desses eixos teóricos, o caminho é diferenciado.

O problema da descarga absoluta da excitação pulsional é trabalhado inicialmente, mas logo se torna um horizonte teórico da metapsicologia. Ou seja, embora a ambigüidade entre um princípio de prazer que visa à descarga total da excitação e um princípio de constância que a mantenha no nível mais baixo possível esteja presente desde sempre, a resolução encontrada por Freud possui estabilidade dentro do horizonte teórico da primeira tópica. A conclusão é que o princípio de prazer é uma tendência à descarga absoluta que nunca se completa devido às exigências de autoconservação do organismo, o que leva à instauração do princípio de prazer como um princípio de constância. Dessa forma, o postulado essencial da metapsicologia é um *princípio de prazer relativo* às variações de intensidade pulsional dentro do aparelho psíquico.

Essa solução se mostra satisfatória por dois motivos. Em primeiro lugar, pela própria natureza do conflito psíquico tematizado pela primeira tópica, que é o do jogo entre fantasias inconscientes e defesas pré-conscientes. É sobre o campo dos traços mnêmicos das representações mentais que a dinâmica das intensidades pulsionais se desenrola. Em segundo lugar, pela natureza da primeira teoria pulsional, em que as pulsões sexuais se desenvolvem por apoio nas pulsões de autoconservação, mostrando a estas seu objeto. Essa hipótese de apoio, substantiada pela barreira do recalque, justifica afirmar que as próprias pulsões sexuais passem a ser regidas por um princípio de constância ou, como prefiro, um *princípio de prazer relativo*.

Por esses motivos Monzani insiste na afirmação de que a pulsão de morte é uma *exigência* da construção teórica freudiana, uma vez que se assenta a idéia de prazer em postulados energéticos e, mais do que isso, em uma teleologia negativa. Assim, seria um horizonte conceitual que se configura com a circunscrição do campo teórico da metapsicologia e não é de se espantar que a problemática ganhe uma evidência e tratamento posterior (Monzani 1989, p. 219).

Se a aliança entre prazer e negatividade é o que circunscreve a problemática econômica da metapsicologia, podemos afirmar que essa exigência permanece como um horizonte teórico no primeiro modelo tópico e pulsional freudiano, por conta dos motivos acima. Não é pelo viés dos limites do princípio do prazer que são disparadas as reformulações do quadro geral do modelo topográfico de aparelho psíquico. O tema da descarga absoluta do prazer permanece como um parasita incubado na trama dos conceitos, aguardando o momento oportuno para emergir.

É a introdução do narcisismo e seus desdobramentos para a concepção da gênese do ego por identificação que evidenciam, primeiramente, os limites do modelo topográfico. Ou seja, é a partir do momento em que começa a ficar mais patente a idéia de uma constituição do ego por meio do investimento da pulsão sexual via processo de identificação que o modelo topográfico começa a mostrar seus limites. A desestabilização da metapsicologia com a introdução do conceito de narcisismo é suficientemente conhecida para que nos detenhamos em todas as suas passagens. Gostaria de apontar dois pontos essenciais.

O primeiro é pôr em xeque o dualismo pulsional, evidenciando uma nova oposição dinâmica da libido – a do ego e a objetal – que, no entanto, parece não se sustentar em uma oposição econômica fundamental, uma vez que o próprio ego é fruto do investimento da pulsão sexual e, portanto, a oposição entre pulsões do ego e pulsões sexuais não parece mais se justificar. Esse ponto é o que tornará possível a reabertura do horizonte da negatividade essencial do princípio do prazer a partir dos anos 20.

O segundo ponto coloca em andamento a gênese de uma estrutura psíquica que transcende a concepção de representações psíquicas recalçadas, buscando a satisfação e gerando formações do inconsciente. Alguns conjuntos de representações agora passam a configurar como parâmetros para a dinâmica psíquica, dando evidência ao pólo egóico do aparelho psíquico e revelando que o ego não se confunde com a dinâmica do sistema pré-consciente/consciente. Esse percurso, que se inicia com a descrição das instâncias ideais do ego e desemboca na concepção de uma nova instância psíquica, o superego, é responsável pela desmontagem da ordenação topográfica para uma ordenação mais complexa, pensada em termos de estruturas psíquicas.

Considerações como essa mostram a preponderância cada vez maior que os objetos de identificação encontrarão na metapsicologia a partir da “virada” dos anos 20, em lugar dos objetos de satisfação da pulsão, que constituíam a essência do modelo topográfico. Percebe-se, então, que a segunda tópica é marcada pela configuração de um espaço psíquico, daí a impressão de que Ego, Id e Superego são entidades demonológicas debatendo-se em um mundo interno. Em outras palavras, parece-me que a passagem do modelo topográfico para o estrutural implica uma ampliação do aparelho psíquico de um modelo bidimensional para um tridimensional. *Instância*, portanto, configura um lugar psíquico, enquanto *sistema* diz respeito a uma modalidade de processamento ou organização de representações.

Com base nisso é que sustento uma hipótese fundamental, a saber, que o segundo modelo tópico e pulsional da metapsicologia freudiana traz uma dupla limitação no que concerne à teoria da representação: por um lado, com a pulsão de morte, ela abre a dimensão do irrepresentável, daquilo que está aquém da representação; por outro, com a teoria das identificações, ela abre a dimensão dos objetos internos, daquilo que está além da representação. Foge ao nosso presente propósito abordar todos os aspectos dessa hipótese. No momento, pretendo dar conta apenas da

primeira parte do problema, a que diz respeito mais especificamente à pulsão de morte.

A pulsão de morte...

Retomando o fio da meada, podemos afirmar que, embora a problemática da descarga absoluta da pulsão permaneça como um horizonte da metapsicologia, é a teoria das identificações que vai disparar as reviravoltas conceituais a partir dos anos 20. Assim, pode-se sustentar uma certa estabilidade alcançada pelo postulado econômico essencial freudiano dentro do arcabouço da primeira tópica, o que faz com que Mezan reconheça a estranheza da hipótese da pulsão de morte emergir em 1920, já que apenas o problema das identificações na gênese do ego aparece como aquilo que traz desequilíbrio à metapsicologia (2001, p. 250).

Nem continuidade, nem ruptura; apenas o efeito de estranheza do retorno do recalcado nos alicerces do edifício da psicanálise. Mas, se o que volta é aquele horizonte sempre presente, como ele se modifica com a introdução da pulsão de morte?

É por meio da hipótese da compulsão à repetição, sustentada em vários níveis de manifestações psíquicas – a transferência, a brincadeira infantil, a neurose traumática, etc. – que a dimensão do além do princípio de prazer é introduzida por Freud. É importante ressaltar que o fenômeno da repetição também não é nenhuma novidade, sendo um contraponto essencial da transferência. Porém, o que passa a ser tematizável para Freud é a repetição que não está a serviço do princípio de prazer, ou seja, a serviço da resistência do recalcado inconsciente, mas que opera como uma compulsão a repetir um evento desprazeroso como forma de controlá-lo ativamente. A explicação metapsicológica para esses fenômenos é a hipótese de ligação de uma efração pulsional traumática como defesa mais primitiva do aparelho psíquico. É a dimensão econômica que volta com toda a força nesse giro da espiral metapsicológica, impulsionada

pela retomada da idéia de trauma. O trauma, agora, é entendido como excesso pulsional desligado, que está além da capacidade de contenção dos sistemas de representação psíquica. Ou seja, a passagem do princípio de prazer *absoluto* para o *relativo*, assumida de forma mais ou menos natural na primeira tópica, é colocada em questão.

Isso só é possível por conta do aprofundamento da investigação dos quadros narcísicos em que, justamente, a estruturação do ego é deficitária. Enquanto, nos neuróticos, a ligação da pulsão em um princípio de prazer relativo – segundo as leis do processo primário e do investimento de representações psíquicas – encontrava-se mais ou menos consolidada, nos quadros narcísicos e nas neuroses de guerra essa passagem não era efetivada sem percalços. Pelo contrário, era naquele ponto de entrada da pulsão no aparelho psíquico que se configurava o problema. A questão passa a ser trabalhar a idéia de que a pulsão, em sua manifestação mais bruta, possui um funcionamento demoníaco, que é uma ameaça traumática potencial ao psiquismo, devendo ser ligada e domesticada para poder investir nos sistemas representacionais. Assim, enquanto o recalque é a defesa que instaura a divisão do aparelho psíquico, a ligação é a forma mais primitiva de manejo da pulsão, que possibilita a criação e manutenção de sistemas representacionais e identificatórios; em suma, um aparelho psíquico.

Sendo assim, fica muito mais claro que o aparelho psíquico se constitui contra a pulsão e a partir dela. Há um potencial mortífero no funcionamento pulsional que deve ser contido e ligado. Sem essa ligação, não há possibilidade de investimento em representações, pois a pulsão de morte, no regime do prazer absoluto, nada mais visa que à própria descarga, ou seja, a evacuação de toda energia psíquica.

A idéia de uma evacuação completa da energia psíquica, que antes figurava como um horizonte teórico e até como uma idéia reguladora – ou seja, um princípio teórico que necessariamente não se efetiva nunca –, agora passa a estar no cerne da problemática das pulsões. Isso explica a inversão que o conceito de pulsão de morte traz para a teoria pulsional, uma vez que de idéia reguladora de prazer absoluto passa a

configurar aquilo que é o verdadeiro protótipo das pulsões. A pulsão de morte passa a ser a pulsão por excelência. Nessa reviravolta, aquilo que permanecia na periferia da metapsicologia ganha o centro. A idéia de um prazer absoluto como uma negatividade coloca o psiquismo em torno do irrepresentável.

Parece-me que aquilo que coloca o ponto de vista econômico como um dos eixos da metapsicologia a partir dos anos 20 é a abordagem de uma passagem que sempre esteve prevista teoricamente, mas que só ganha potencial heurístico com o aprofundamento da clínica para além dos quadros neuróticos. Porém, mais que alargar um campo antes negligenciado, a introdução da pulsão de morte irá revolucionar todo o arranjo teórico da metapsicologia, colocando sua problemática em novas bases.

Se a pulsão de morte pôde figurar como o elemento traumático à trama de conceitos da metapsicologia, mobilizando a “virada” dos anos 20, não se pode dizer que seu impacto foi totalmente domesticado por Freud. O fato é que a pulsão de morte permaneceu como uma das mais controversas invenções freudianas, aquilo que considerava como a mais especulativa de suas contribuições, não tendo lugar essencial entre os conceitos mais importantes da metapsicologia e não contribuindo para uma modificação essencial no trabalho psicanalítico. Concessões freudianas à parte, defendo a idéia de que a pulsão de morte é um aspecto central do arcabouço teórico da segunda tópica, possuindo reflexos para além da dimensão metapsicológica.

...E sua ligação

O problema em jogo é, justamente, o equacionamento do impacto da pulsão de morte na metapsicologia, que foi uma tarefa inconclusa de Freud. Portanto, há uma série de aberturas e descaminhos com a introdução da pulsão de morte.

O primeiro ponto a abordar é a inflexão para o nível biológico de explicação que ocorre a partir da “virada” dos anos 20. Essa inflexão ocorre para dar conta da própria origem do psiquismo, quer seja em nível pulsional, quer seja em nível das fantasias. Sabemos, em linhas gerais, a saída que Freud dará para esse problema. Buscará fundamentar a tópica em fantasias originárias filogeneticamente herdadas, remetendo a fonte pulsional para o plano das excitações da matéria viva. Esse movimento acabará por tornar a pulsão, no registro da segunda teoria pulsional, uma espécie de categoria ontológica transcendental, já que se faz presente em todos os níveis de organização da vida e da morte. Com isso, a própria categoria social é simultaneamente incluída e destituída do campo da teoria psicanalítica, uma vez que, embora os grandes textos de interpretação psicanalítica da cultura sejam desse período, o que se observa é o fato de o esquema interpretativo ser, na melhor das hipóteses, psíquico – quando não, biológico.

Mezan (1990) afirma que, embora a construção teórica em psicanálise só possa ser pensada na interpenetração entre teoria, clínica e cultura, e a dimensão cultural seja um aspecto essencial para a produção de hipóteses, não é possível afirmar que a categoria social realmente figure com pertinência nas hipóteses explicativas freudianas. Porém, ainda que não tenha conseguido fundamentar esse movimento propriamente, a virada nos anos 20 coloca a alteridade no cerne da constituição do sujeito, caracterizando essa abertura para o fenômeno social.

A releitura do campo freudiano por um referencial epistemológico que se assente em outras bases, que não a realidade empírica e a necessidade biológica, será uma contribuição de Lacan para a psicanálise. Nessa perspectiva, a distinção entre o plano da necessidade e o do desejo se instaura no corte entre instinto e pulsão.

Outra possibilidade de saída para o impasse que nos deixou Freud é não operar o corte, mas tentar conciliar os dois níveis. Essa opção foi seguida pelas tradições norte-americana e inglesa, embora em perspectivas diferentes. Enquanto a psicologia do ego alinhou-se com uma

epistemologia positivista e funcionalista, a ponto de renunciar ao conceito de pulsão de morte como um contra-senso à sobrevivência da espécie, a perspectiva kleiniana parece ter permanecido em uma categorização “pré-biológica” de instinto, um pouco na esteira da posição freudiana.

Nesse ponto, a perspectiva kleiniana incorre em dois problemas. O primeiro é uma certa tendência de naturalização da determinação dessa economia de instintos, já que o outro aparece, inicialmente, como um receptáculo de projeções e introjeções das quantidades pulsionais predefinidas. Esse não parece ser o mais grave, já que, dentro do próprio desenvolvimento da psicanálise inglesa, tanto essa questão constitucional como o papel estruturante do outro foram incluídos. O que me parece mais preocupante é o aplainamento das distinções metapsicológicas efetuadas por Freud. O afã pela descrição clínica acaba por aproximar sobremaneira o plano metapsicológico do fenomenológico-descritivo, equacionando o plano da pulsão com o dos afetos. Ou seja, a perspectiva kleiniana iguala a pulsão de vida com o amor e a pulsão de morte com o ódio, colocando ambos os regimes no mesmo nível de funcionamento psíquico.

Quero deixar claro que a pulsão de morte aprofunda uma questão que diz respeito à própria circunscrição epistemológica do campo psicanalítico, que é sua vinculação com o biológico. Nesse sentido, a leitura da psicologia do ego americana parece-me equivocada e a leitura da tradição francesa mais promissora. Quem talvez tenha resolvido melhor essa questão pelas próprias bases em que o problema é colocado por Freud seja Laplanche. Sua concepção do significante enigmático como elemento traumático e indutor da pulsão sexual, naquilo que ficou conhecido como teoria da sedução generalizada (Laplanche 1988c), parece dar conta do problema do originário deixado por Freud.

Pode-se argumentar que essa concepção não traz tanta originalidade em relação à proposta lacaniana, já que é com base no significante que se instaura o circuito pulsional, marcado pelo furo do objeto causa do desejo. Mas se não faço uma adesão incontestada à tese lacaniana é porque simplesmente ela prescinde do dualismo pulsional. Nessa perspectiva, o

conflito e a ambigüidade estão na própria trama de significantes, já que o vínculo referencial, que garantia a pertinência da verdade por correspondência na teoria da representação freudiana, é eliminado. A oposição se dá entre o representável e o irrepresentável, do registro do Real. O Real é a pulsão. E, nesse sentido, só há uma pulsão que seja intrinsecamente refratária à significação. No modelo freudiano, a sabotagem não é intrínseca à pulsão, mas fonte de um dualismo entre pulsões de ligação e de desligamento.

A proposta de Laplanche (1988b) é, supostamente, integrar o primeiro e o segundo dualismo pulsional, mas, na verdade, trata-se de garantir a especificidade do registro da sexualidade como campo por excelência da teoria psicanalítica. Para tanto, mantém a dualidade entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, relegando a estas o papel de impulsos da ordem da necessidade biológica em oposição ao registro propriamente pulsional da sexualidade. A bem da verdade, quando a dimensão do investimento pulsional do ego sai do campo das pulsões de autoconservação e cai no registro da sexualidade, podemos nos perguntar se ainda resta algo de pulsional nessas pulsões. Nesse ponto, acredito que a proposição laplanchiana seja coerente com a problemática freudiana. As pulsões de autoconservação ficam, então, como a borda limítrofe do campo psicanalítico, o horizonte biológico no qual a pulsão de alguma forma tangencia. Dessa forma, o campo propriamente psicanalítico será o das pulsões sexuais, sendo dentro delas que se opera o dualismo pulsional mais interessante: tanto as pulsões de vida como as de morte serão aspectos da pulsão sexual, uma com característica de ligação e a outra de desligamento.

Dentro da pulsão sexual de vida, por sua vez, opera-se a dinâmica de investimento narcísico e objetual, que caracteriza a oposição entre libido do ego e libido do objeto. Como se pode notar, esse arranjo se mostra bastante sedutor, pois consegue equacionar alguns dos problemas deixados pela teoria pulsional freudiana.

Conclusão

Esses são alguns pontos que gostaria de marcar para uma primeira configuração dos desdobramentos da pulsão de morte como o estranho na metapsicologia. Pude marcar quais os limites para além e aquém da teoria da representação que coincidem com os dois grandes caminhos abertos por Freud a partir da virada dos anos 20. Quis marcar que destinos a teoria da pulsão de morte nos deixa, baseada no trinômio que intercala biológico, irrepresentável e agressivo. Discuti as interpenetrações desses níveis, tentando traçar os esboços do movimento de teorização de Freud e as perspectivas que são retomadas pelas tradições pós-freudianas.

Ao final deste texto, fico com a impressão de que pudemos avançar um pouco na elaboração metapsicológica do impacto da pulsão de morte pelas teses de Laplanche. Reconheço que só abordei uma parte do problema, a do aquém da representação. Por conta dos limites deste trabalho, devo guardar o problema das identificações para uma outra oportunidade.

Referências

- Campos, Érico Bruno Viana 2004: *Figuras da representação na emergência da primeira tópica freudiana*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Freud, Sigmund 1919: "O estranho". In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. v. XVII. Rio de Janeiro, Imago, 1976, pp. 275-314.
- _____. 1920: "Além do princípio de prazer". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1996, pp. 11-76.
- Mezan, Renato 1990: *Freud: pensador da cultura*. 5 ed. São Paulo, Brasiliense.
- _____. 2001: *Freud: a trama dos conceitos*. 4 ed. São Paulo, Perspectiva.

Miller, J. Hillis 1995: *A ética da leitura: ensaios 1979-1989*. Rio de Janeiro, Imago.

Monzani, Luiz Roberto 1989: *Freud: o movimento de um pensamento*. 2 ed. Campinas, Editora da Unicamp.

Laplanche, Jean 1988a: "Interpretar com Freud". In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre, Artes Médicas, pp. 21-32.

____ 1988b: "A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual". In: Wildlöcher et al. 1988: *A pulsão de morte*. São Paulo, Escuta, pp. 11-28.

____ 1988c: "Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada". In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre, Artes Médicas, pp. 108-25.